
Eduardo S. Neumann

A escrita em guarani dos *mayordomos* e o exemplo de Valentín Ybariguá (Paraguai, XVIII)

Advertencia

El contenido de este sitio está cubierto por la legislación francesa sobre propiedad intelectual y es propiedad exclusiva del editor.

Las obras publicadas en este sitio pueden ser consultadas y reproducidas en soporte de papel o bajo condición de que sean estrictamente reservadas al uso personal, sea éste científico o pedagógico, excluyendo todo uso comercial. La reproducción deberá obligatoriamente mencionar el editor, el nombre de la revista, el autor y la referencia del documento.

Toda otra reproducción está prohibida salvo que exista un acuerdo previo con el editor, excluyendo todos los casos previstos por la legislación vigente en Francia.

revues.org

Revues.org es un portal de revistas de ciencias sociales y humanas desarrollado por Cléo, Centre pour l'édition électronique ouverte (CNRS, EHESS, UP, UAPV).

Referencia electrónica

Eduardo S. Neumann, « A escrita em guarani dos *mayordomos* e o exemplo de Valentín Ybariguá (Paraguai, XVIII) », *Corpus* [En línea], Vol 4, No 2 | 2014, Publicado el 19 diciembre 2014, consultado el 29 enero 2015. URL : <http://corpusarchivos.revues.org/1258>

Editor : Diego Escolar
<http://corpusarchivos.revues.org>
<http://www.revues.org>

Documento accesible en línea desde la siguiente dirección : <http://corpusarchivos.revues.org/1258>

Document generado automaticamente el 29 enero 2015.

Licencia Creative Commons: Atribución-NoComercial 2.5 Argentina (CC BY-NC 2.5 AR)

Eduardo S. Neumann

A escrita em guarani dos *mayordomos* e o exemplo de Valentín Ybariguá (Paraguai, XVIII)

Introdução

- 1 A produção historiográfica referente às reduções guarani, de maneira geral, desconsiderou o fato de que os indígenas catequizados no Paraguai colonial - sob a tutela dos jesuítas - elaboraram registros escritos. Entretanto esta avaliação deve ser contraposta, por exemplo, ao fato de que os índios das reduções, ao contrário do que se pensa geralmente, sabiam escrever.¹ Diante do convívio com o alfabeto a elite letrada missioneira, no século XVIII, escreveu bastante demonstrando desenvoltura no manejo da pluma.
- 2 Nesse aspecto, os documentos escritos pelos índios-, na sua língua-, têm permitido examinar a rápida difusão do alfabeto e analisar os aspectos socioculturais relacionados às práticas letradas. A escrita dos guaranis, registrada em diferentes suportes e com finalidades diversas, obriga-nos a rever em grande medida as avaliações simplistas que consideravam a atividade “escriturária” dos índios missioneiros como um fato menor ou mesmo restrito à produção de textos canônicos nas reduções (Neumann 2005).
- 3 As manifestações dos guaranis, a partir de meados do século XVIII, são uma resposta indígena ao Tratado de Madrid. Esse Tratado foi assinado em 1750 e estabelecia a permuta de sete reduções localizadas na “banda oriental do rio Uruguai”, - de um total de 30 - pertencente à Espanha, a serem entregues a Portugal, em troca da Colônia do Sacramento. Tanto a reação escrita como as manifestações bélicas dos guaranis aos termos ajustados no Tratado desencadearam um conflito sem precedentes na região. Com a chegada das comissões demarcadoras a região houve uma dinamização dos contatos epistolares cujos episódios culminaram, entre 1754 e 1756, na eclosão de uma rebelião colonial, conhecida como Guerra Guaranítica (Quarleri, 2009). Diante do contexto de tensão e indefinição no qual estiveram inseridos, eles aproveitaram as circunstâncias atípicas e produziram relatos visando alcançar novos objetivos
- 4 Uma vez encerrados os episódios de enfrentamento nas reduções são produzidos alguns textos que passam a apresentar temas e inclusive abordagens novas da realidade missioneira, revelando uma faceta pouco conhecida da ação indígena nas reduções. Além de lutarem empunhando suas lanças, eles utilizaram as letras como um instrumento, procurando através do mundo dos papéis interferirem no rumo dos acontecimentos, ou produzirem memória (Neumann 2009). Documentos que sinalizam uma discussão pouco referida pela historiografia dedicada ao tema, ou seja, a existência por escrito daquele que seria o ponto de vista dos indígenas.
- 5 Em aproximadamente uma década, entre o final dos enfrentamentos nas reduções até a expulsão dos jesuítas dos domínios hispano-americanos, os guaranis passam a produzir novas modalidades de textos que refletem as mudanças em curso.² Os documentos redigidos nesse período apresentam características que antes não haviam sido verificadas, pois além de uma diversificação das formas textuais o conteúdo das mensagens deixa de apresentar uma retórica cristã tão acentuada. Trata-se de textos mais laicos. Os resíduos dessa prática de escrita sugerem novos usos por parte dos guaranis quanto às possibilidades associadas a sua competência alfabética.
- 6 De fato as correspondências foram muito valorizadas pelos índios nas reduções revelando como a escrita tomou conta das relações estabelecidas entre os distintos interlocutores, fossem eles companheiros de redução ou funcionários encarregados da demarcação dos novos limites. As cartas foram um instrumento de comunicação com as autoridades coloniais, quando passaram a responder diretamente as consultas recebidas.

O saber letrado dos mayordomos

- 7 Em grande medida, os textos produzidos pelos guaranis foram associados ao trabalho executado pelos secretários ou por algum indígena letrado vinculado às atividades exercidas nos cabildos missioneiros. A capacidade de se expressar através da escrita, recorrendo às formas textuais conhecidas, também foi manifesta com certa frequência por parte dos *mayordomos* (administradores). Este é um aspecto pouco explorado até o momento, pois desconhecemos tanto as funções específicas desempenhadas pelos *mayordomos* como os usos que eles fizeram da escrita. Uma análise dos documentos escritos por estes indígenas nos permite esclarecer certas possibilidades derivadas de suas funções, a partir da sua atuação histórica, especialmente no controle das estâncias e dos bens comunitários. A incidência da escrita entre estes sujeitos que desempenhavam funções vinculadas aos cabildos-, mas provavelmente sem participar das decisões, sugere vínculos entre o seu saber letrado e o desempenho de um determinado cargo na estrutura administrativa reducional.³
- 8 Certamente, devido às suas atribuições junto aos cabildos, eles utilizaram com frequência à sua capacidade gráfica, principalmente nos momentos de contabilidade. Conforme a avaliação de Rafael Carbonell, o nível de profissionalismo que demandavam as funções de *mayordomo* implicava que o “novo electo contará con el asesoramiento del mayordomo saliente para llevar bien el control de productos y mercaderías” (Carbonell de Masy 1992, p. 224). Assim, a partir de 1732, a permanência nesse cargo não poderia reincidir nas mesmas pessoas por um período superior a quatro anos. A medida visava evitar uma permanência prolongada no exercício dessas funções, fato que poderia resultar em vantagens pessoais, benefícios facilitados por um “enraizamento” em certos cargos.⁴
- 9 Os *mayordomos*, diante da necessidade de acompanhar e controlar a produção, ao que tudo indica, mantinham contato escrito com seus subordinados e posteriormente informavam os respectivos cabildos das condições e da disponibilidade de bens da coletividade. Por meio do estudo de Teresa Blumers, especialista na contabilidade das missões, sabemos que entre os diversos livros utilizados para registros em cada redução figurava um “Libro de procuradores y estancias” (Blumers 1992). O Procurador, em geral um jesuíta que já havia ocupado o cargo de missioneiro, possuía a incumbência de controlar as contas - as entradas e saídas de gado, erva-mate e outros produtos-, fiscalizando a contabilidade de cada redução. Ele era o responsável pelas compras e pelo pagamento dos tributos anuais após a venda dos produtos enviados pelas reduções. Os *mayordomos*, por sua vez, anotavam em cadernos os produtos extraídos das chácaras e estâncias, controlando o que seria estocado nos armazéns missioneiros para posterior negociação por parte dos procuradores.⁵
- 10 O exercício de anotar a produção agrária e pecuária, bem como de controlar os indígenas recrutados para tarefas diversas, habilitou os *mayordomos* no ordenamento por escrito de fatos, dados e nomes. Tal conhecimento lhes facilitou o gerenciamento dos recursos humanos no momento de maior proximidade com os exércitos ibéricos. Para outros, ele representou a possibilidade de registrarem suas preocupações com o que estava sendo informado e negociado por escrito.
- 11 Ao que tudo indica, as atividades desempenhadas como fiscais de armazéns e o controle da produção pecuária permitem especular sobre as conexões existentes entre aqueles sujeitos que fizeram uso assíduo de suas capacidades letradas e os ofícios exercidos nas reduções. Aos *mayordomos* competia o cuidado dos bens da comunidade e, para tanto, “como auxiliares suyos habia indios contadores, fiscales, y almaceneros”, como foi registrado na Real Cédula de 1743.
- 12 Nesse sentido, a prática da escrita permitiu aos *mayordomos* contato frequente com os demais guaranis letrados. Entre os indígenas recrutados por talento nas reduções, estes foram assíduos escreventes. Na documentação consultada, por sua competência letrada, encontrei muitas evidências da atuação desses sujeitos. Portanto, o exercício da contabilidade requerida no desempenho dessas atividades facultou aos responsáveis pelos armazéns de cada redução um contato próximo com o “mundo sobre papel”.
- 13 Um exemplo revelador da atuação dos *mayordomos* é o conjunto de documentos apreendidos depois do confronto travado entre uma milícia da redução de Yapeyu e o exército a serviço

da Espanha, em outubro de 1754. Essa redução não estava diretamente implicada no Tratado de Limites, mas os moradores ficaram em estado de alerta diante da passagem do exército espanhol por suas terras. A redução de Yapeyu possuía uma estância muito grande que estava dividida em vários postos - para facilitar o controle de terras tão extensas -, onde residiam alguns indígenas que atuavam como peões de gado.⁶

14 Assim, devido a uma decisão precipitada do cacique dessa redução, Rafael Paracatu, eclodiu o confronto conhecido na historiografia como Batalha de Daymal. Tal batalha resultou na morte de mais de 250 yapeyanos, além da prisão de 70 índios. Entre os prisioneiros estava Paracatu, principal liderança, que detinha em seu poder várias cartas escritas em língua guarani.⁷ Atualmente, somente conhecemos a tradução desses documentos ao espanhol. Estas cópias confirmam a capacidade de comunicação escrita por parte de um segmento da elite indígena. Por meio desses papéis tomamos conhecimento do conteúdo de documentos singulares a respeito dos usos internos reservados à escrita pelos guaranis.

15 Os papéis apreendidos com Paracatu são na sua maioria as respostas enviadas pelos *mayordomos* que controlavam as estâncias. O domínio da escrita permitiu ao cacique Paracatu manter contato assíduo com os *mayordomos* e, assim, coordenar temporariamente a oposição indígena. Em meio aos procedimentos adotados pelos guaranis rebelados figurava o da atualização constante através de informações escritas, participando os demais a respeito dos últimos movimentos dos espanhóis na região.

16 Diante da importância estratégica das estâncias, Paracatu dirigiu a atenção à movimentação de tropas nessas terras, locais onde poderia obstruir a marcha do exército espanhol. Para o gerenciamento eficiente das operações, ele manteve contato epistolar assíduo com os *mayordomos* e demais cabildantes. A troca de correspondência entre as lideranças guaranis estava voltada para a atualização dos últimos acontecimentos, mas também servia como fator de estímulo à mobilização dos guaranis.

17 Como exposto, a comunicação escrita foi o expediente acionado pelas lideranças de Yapeyu para promover sua defesa diante da proximidade dos espanhóis, mobilização na qual foi destacada a participação dos *mayordomos*. A carta de Nicolas Andariyu a Rafael Paracatu confirma a proeminência desses administradores:

(...) los que estamos en el Pueblo, cuidamos de que se cumpla la Voluntad de Dios quiera su Divina Magestad y nuestros santos Reyes que en toda nuestra vida andemos segun las palabras de Dios yo te agradezco de que haya hecho confianza de nuestro mayordomo, por que veo que en todo te obedece, así lo devemos hacer, y así lo quiere Dios. De tierra fuimos y tierra volveremos hazer acabados los días de la vida, por eso se algo ay de nuebo, consultalo tambien con el Mayordomo, por que el que cuida de nuestra hacienda necesita saver de todo: nosotros tambien así lo hacemos, y por eso el cuidado de todos nosotros es de distribuir la hacienda, entre nuestros hijos que están necesitados.⁸

18 Através do conteúdo das mensagens enviadas a Paracatu somos informados de que as respostas eram imediatas, provavelmente pelo caráter diligente que os guaranis sublevados atribuíam ao informe escrito, mas também por que dizia respeito ao fornecimento de mantimentos aos índios rebelados, para auxiliar os “que están necesitados”

19 Sabemos que algumas cartas, por exemplo, foram respondidas no mesmo dia em que chegaram aos destinatários. Através desse conjunto de correspondências indígenas foi possível constatar que a urgência da escrita fazia parte das estratégias de guerra. E, em determinadas mensagens, costumavam agregar ao final a seguinte expressão: “invieis la respuesta a esta carta”. Tal solicitação é um indício, entre outros, da importância atribuída à escrita nas negociações políticas dos guaranis missioneiros.

20 Enfim, por meio desses textos, alguns *mayordomos* têm saído do anonimato exatamente pelo fato de terem deixado testemunhos escritos de suas opiniões, quando participaram ativamente nos bastidores dos conflitos, promovendo usos inesperados às suas competências gráficas. Como controlavam os armazéns das reduções acabaram desempenhando um papel crucial no abastecimento da população quando se iniciou o “alvoroto y emperramiento de los indios”. São os papéis escritos por esse segmento letrado que apresentam temas e, inclusive, abordagens

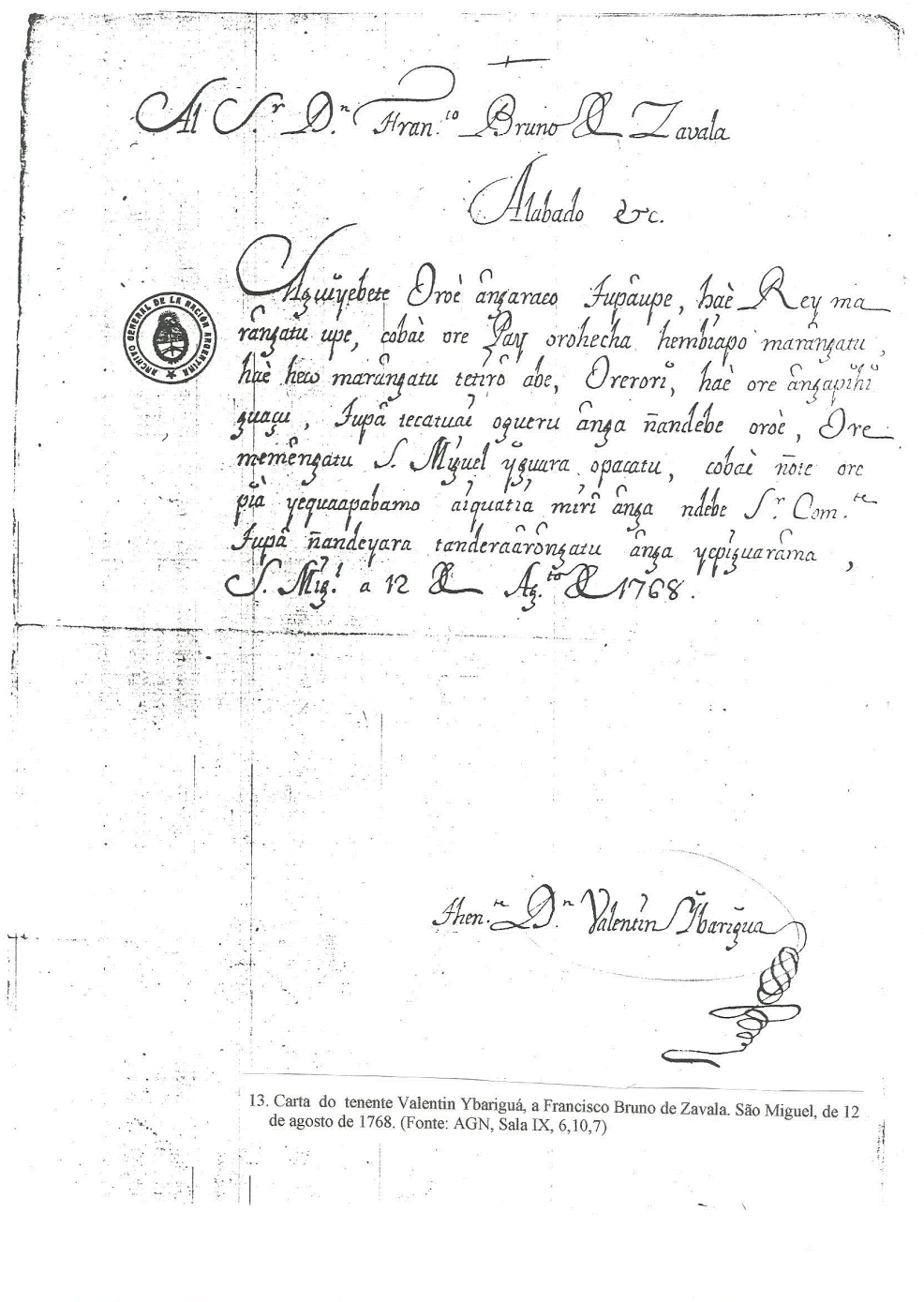
novas da realidade missioneira, pois o exercício da contabilidade requerida no desempenho das atividades administrativas de cada redução lhes permitiu contato permanente com a escrita.

As cartas do tenente Valentín Ybariguá

- 21 Após a expulsão dos jesuítas dos domínios hispânicos, em 1767, a administração civil das reduções foi orientada por um conjunto de regras expedidas por Francisco de Paula y Bucareli, em 1768, e conhecidas como “Instrucciones a que se deberán los gobernadores interinos que dejó nombrados en los pueblos de indios guaraníes del Uruguay y Paraná, no habiendo disposición contrária de S.M” (Brabo 1872, p. 193). Entre tais medidas, uma apregoava o aprendizado do castelhano. O idioma do colonizador deveria pautar qualquer modalidade de comunicação, sendo uma condição *sine qua non* para a nova administração das reduções.⁹
- 22 Diante destas novas instruções os guaranis elaboraram documentos que indicam diferentes motivações diante da burocracia colonial. Entre esses papéis, há um predomínio das fontes de caráter oficial, principalmente as de cunho administrativo, elaboradas com a finalidade de estabelecer comunicação entre os integrantes dos cabildos e seus representantes com as autoridades, no caso, o governador de Buenos Aires.¹⁰
- 23 A decisão de Bucareli de comparecer pessoalmente às reduções para executar os trabalhos de expulsão dos jesuítas foi interpretada pelos indígenas como a consumação da nova ordem político-administrativa, deflagrando atitudes de adesão ou de colaboração às novas medidas. Um desses momentos foi registrado na redução de São Miguel.
- 24 Por ocasião da execução da “Compulsa de los Autos originales de el Pueblo de San Miguel”, instrução que prescrevia os procedimentos a serem adotados no momento de realizar o inventário dos bens existentes nas reduções, advertia em seu preâmbulo que para esse documento ser validado deveriam estar presentes “algunos individuos del cavildo”.¹¹ Entre os guaranis que subscreveram essa compulsua figuravam dois de reconhecida atuação durante os conflitos demarcatórios: o então tenente Valentín Ybariguá, e o secretário de cabildo Primo Ybarenda, ambos integrantes do cabildo de São Miguel. Do primeiro, Ybariguá, sabemos que era de uma das principais famílias da redução¹², e de Primo Ybarenda conhecemos um breve relato de suas qualidades morais.
- 25 Esses indígenas somente aparecem como agentes porque escreveram e assinaram documentos, expressando opiniões ou relatando fatos e acontecimentos centrais durante o período de conflito nas reduções e por ocasião da expulsão dos jesuítas. Seus escritos permitem compreender alguns dos usos que os indígenas destinaram à escrita em um momento crucial, no caso, o ano de saída dos religiosos da Companhia de Jesus dos domínios hispano-americanos.
- 26 Até o momento, sabemos que Ybarigua elaborou três documentos no ano de 1768. Um deles foi redigido no dia 25 de abril, e estava endereçado aos tenentes de Yapeyu, avisando dos saques que os portugueses vinham praticando na estância dessa redução.¹³ Nessa ocasião Ybarenda escreveu aos índios da redução vizinha, para informar que nesse momento os portugueses estavam invadindo a estância de São Miguel para “arrear vacas”. Comenta que estão vivendo momentos tensos diante da presença de soldados portugueses em seu território. Na mensagem deseja aos demais “Que Dios le dé tiempos favorables”, pois considera que o momento “que tenemos ahora es de mucha aflicción”. A menção à situação que estão vivenciando, diante da presença dos soldados lusitanos, provavelmente se apresentava mais dramático, pelo vazio que se deu entre o momento da saída dos jesuítas e a chegada das autoridades encarregadas da nova administração. Nesse intervalo, os guaranis estavam se autogovernando, como em outras ocasiões. Mas desta vez diante da incômoda vizinhança dos portugueses em seu território, pilhando as estâncias que sustentavam as reduções. Portanto, nada mais compreensível do que o desejo de “tiempos favorables”, aos vizinhos de Yapeyu. Cabe destacar que esta mensagem foi escrita para circular internamente, ou seja, um indígena que escreve para as lideranças de outra redução. Enfim, a correspondência escrita foi um canal de comunicação utilizado pela elite indígena, em diferentes momentos.
- 27 Transcorridos alguns meses Ybariguá voltou a escrever. Em agosto de 1768, poucos dias depois da presença das autoridades hispânicas às reduções, foram redigidas duas breves missivas. Ambas assinadas por Valentín Ybariguá. Uma delas estava dirigida ao governador

interino das missões orientais, Francisco Bruno de Zavala, e a outra ao governador de Buenos Aires, Francisco de Paula Bucareli. Nenhum desses três documentos foi enviado para a Espanha, destino de muitos papéis apreendidos durante a demarcação de limites, pois como estavam endereçadas a interlocutores locais, ficaram no território americano. As três cartas estão depositadas no *Archivo General de la Nación*, Buenos Aires, República Argentina. Veja a reprodução dessas duas cartas:

IMAGEN N°1



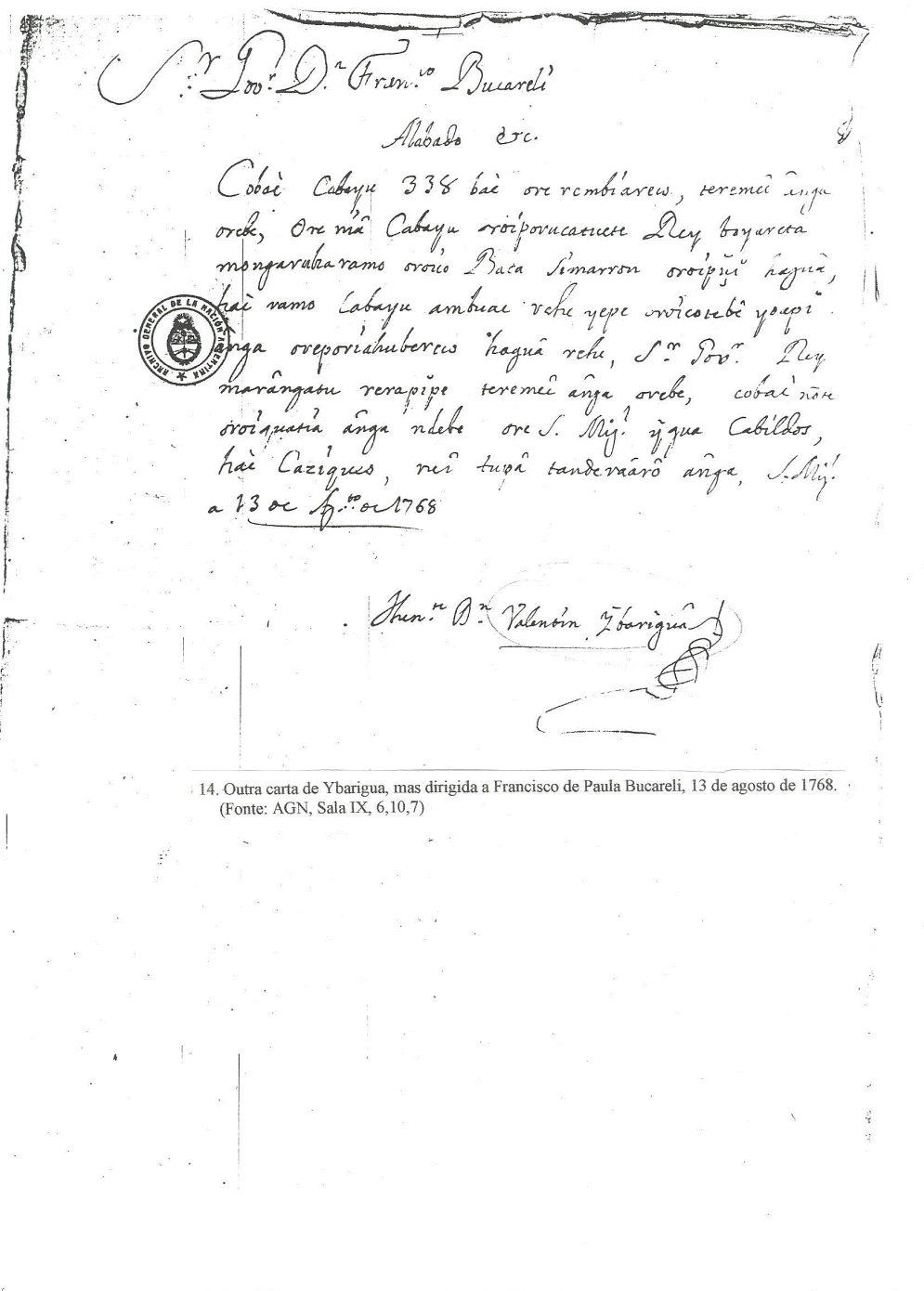
28 Esta carta, com data de 12 de agosto de 1768, dirigida a Zavala, saudava a chegada dos novos religiosos (*Pa'i*) designados para ocupar o lugar dos jesuítas:

Gracias decimos a Dios (Tupã) y al Santo Rey que nosotros los Pay (Pa'i) vemos en sus buenas obras así como en su santidad, en todo.

Celebramos y nos congratulamos, Dios (Tupã) ciertamente los trajo a nosotros, decimos nosotros todos los de San Miguel. Esto que se descubre es lo que te escribimos brevemente de corazón. Que Dios (tupã), nuestro dueño, os guarde ahora y por siempre.¹⁴ (ver anexo n. 2).

29 Agora observe abaixo o original da segunda carta, redigida no dia seguinte:

IMAGEN N°2



14. Outra carta de Ybarigua, mas dirigida a Francisco de Paula Bucareli, 13 de agosto de 1768.
 (Fonte: AGN, Sala IX, 6,10,7)

30 No dia seguinte, 13 de agosto, Ybariguá escreveu outra carta a Bucareli, na qual ele roga:

Le pedimos que nos dé estos 338 caballos que tenemos (usamos), porque nosotros quienes alimentamos a los siervos del Rey, precisamos del caballo para tomar la vaca simarron, e incluso necesitamos de otros caballos, comprendemos una vez más, danoslo (por favor), Señor Gobernador en nombre del santo Rey, solamente por esto te escribimos nosotros los (del) cabildo de San Miguel y los Caciques, en hora buena, Dios te guarde.¹⁵ (ver anexo n. 3).

31 Através dessas mensagens esta liderança indígena manifesta entendimento de algumas mudanças introduzidas nos “lugares de poder”, desde o Tratado de Madri. Nesse sentido, a escrita começava a assumir uma função protocolar, sinalizando a nova maneira pela qual seria estabelecida a comunicação com a administração colonial, após a expulsão dos jesuítas. Tudo indica que Ybariguá tinha uma boa noção das atribuições políticas de Bucareli e de Zavala, pois já mantivera contato direto com essas autoridades quando, no dia 30 de julho,

participou da elaboração da *Compulsa de autos*. O conhecimento das respectivas alçadas de poder que cada funcionário desempenhava levou Ybariguá a enviar mensagens diferenciadas a cada um. Quanto ao pedido de cavalos, e a maneira como este o encaminhou, transparece uma prática de registros relacionada ao controle das estâncias, ou seja, a escrita praticada pelos *mayordomos* (antigo cargo de Ybariguá). Como comentado, os indígenas que desempenhavam essas funções possuíam entre suas atribuições a tarefa de expedirem e receberem informes relativos à administração dos bens da comunidade.

32 Por meio da escrita dessas mensagens, é possível inferir que Ybariguá procurou conduzir a nova situação de maneira a influenciar os novos administradores. Por isso, tratou primeiro de saudar, através de Francisco Zavala, a chegada dos novos religiosos às reduções para depois enviar ao governador de Buenos Aires o pedido dos cavalos. O texto é adulatório e, ao que tudo indica, possuía como escopo preparar o caminho para a solicitação do dia seguinte. Portanto, além do caráter estratégico da redação das duas cartas, deve-se destacar a competência letrada desse guarani, habilidade que permitia a ele dirigir-se diretamente às autoridades coloniais.

33 A mensagem escrita a Bucareli, no dia 13 de agosto, solicitando cavalos dizia respeito ao problema que já vinham enfrentando, conforme o próprio Ybarigua mencionara aos tenentes de Yapeyu na carta do dia 25 de abril: “nuestros caballos desgastados usan éstos de otros pueblos”. Ao que tudo indica, diante da chegada dos novos administradores, o tenente Ybarigua tratou de solicitar a eles uma permissão oficial para utilizar outros cavalos, o que facilitaria o patrulhamento da estância de São Miguel, devido a sua grande extensão. Inclusive alega que os cavalos que tinham (338) eram poucos é que necessitavam de outros mais para seguir exercendo as atividades de criação. Pois, segundo sua opinião, são elas que permitem fornecer o sustento aos funcionários, “porque nosotros quienes alimentamos a los siervos del Rey”.

34 Para compreender melhor as motivações que levaram Valentín Ybariguá a escrever essas duas breves mensagens, em agosto de 1768, é importante recordar que ele esteve na oposição indígena ao Tratado de Limites e como já mencionado ocupava, à época, o cargo de *mayordomo*. As informações que conhecemos a seu respeito decorrem do fato de ele ter escrito e assinado uma carta endereçada a Sepé Tiarayú, em 5 de fevereiro de 1756.¹⁶ Essa missiva foi localizada dias depois, na algibeira de Tiarayú, morto no dia 7 de fevereiro em uma escaramuça com os soldados comandados pelo governador de Montevidéu, José Joaquin Viana.

35 Em 1768, ano seguinte a expulsão dos jesuítas da América hispânica, Ybariguá ocupava o cargo de tenente, e recorreu à escrita para expressar sua posição favorável às mudanças procurando, ao que tudo indica, dissipar qualquer dúvida quanto à sua adesão às regras estabelecidas pela nova administração. É de se supor que as recordações dos conflitos passados, quando houve uma intensa mobilização dos guaranis de São Miguel e o desfecho trágico em Caiboaté, resultaram, nessa oportunidade, em uma atitude colaboracionista, evitando qualquer tipo de confrontação. E, possivelmente, esse guarani ilustrado julgou que, ao expor sua adesão às *Instrucciones* de Bucareli, poderia estabelecer uma relação positiva com a administração colonial. Igualmente, a saída dos jesuítas abria um espaço para a promoção pessoal, o que pode ter influenciado a decisão de Ybariguá de manifestar-se por escrito. Como esse indígena conhecia os protocolos que regem a escrita de caráter oficial, procurou fazer uso deles exibindo os recursos simbólicos que acumulara.

36 Mesmo em um texto breve, foram respeitados os procedimentos necessários a esse tipo de correspondência, com a indicação clara do destinatário, a saudação de abertura, a informação principal, seguida do encerramento, e a assinatura. Esse guarani, por sua formação letrada, dominava as normas da escrita administrativa e as convenções que regem a epistolografia. Inclusive, antes do seu nome, ele assinava o “Don”, expressão que denota sua condição de índio principal, ou seja, era um cacique que integrava a elite missioneira (Wilde 2006, 2009). Nem todos integrantes de um cabildo missioneiro utilizavam o título nobiliário de “Don” associado ao seu nome, pois era uma prerrogativa dos caciques.¹⁷

37 Por sua vez, a conservação de alguns documentos redigidos pelo mesmo indígena não é algo comum, ainda mais se não ocupava o posto de secretário da redução. Mas sabemos que nas reduções guarani do Paraguai se verificou uma prática semelhante a outras coletividades quando, através do exercício da escrita, as “[...] elites sociopolíticas de las sociedades

aculturadas identifican, transmiten y conservan su propia imagen escrita; y al mismo tiempo, recopilan la documentación histórica de las generaciones anteriores, con las que y en las que se identifican” (Petrucci 2002, p. 130).

38 Também é importante destacar que todos os documentos de Ybariguá foram redigidos em guarani, o que permite especular que ele não dominava o idioma espanhol, ao menos não chegou a demonstrar habilidade para escrever nesse idioma. Poderia, eventualmente, saber falar algumas frases, mas ao que tudo indica não possuía a competência necessária para escrever na língua do conquistador. Ybariguá não demonstra preocupação com a tradução de sua carta, aparentemente dá como garantido que alguém da comitiva de Bucarelli ou Zavala saberia traduzi-la, oralmente ou por escrito (pois não há qualquer menção à tradução desse documento).

39 Além desses textos, até o momento não foram encontrados outros assinados por Valentín Ybariguá. Apenas sabemos que em 1770, em decorrência de uma epidemia que atingiu as reduções de São Miguel e Yapeyu, ele veio a falecer. Mas o simples fato de sua morte ter sido mencionada, já nos indica a relevância do mesmo.¹⁸ Não se trata de um guarani anônimo ou sem um cargo. Muito pelo contrário, sua trajetória somente é registrada devido a sua atuação como *mayordomo*, ofício que lhe permitiu familiaridade com as letras e assim produzir um registro escrito, uma memória, de alguns episódios nos quais esteve envolvido.

40 Em resumo: a escrita foi um desses instrumentos pelos quais os índios missioneiros manifestaram tanto sua conivência quanto seu descontentamento com as mudanças relacionadas à nova ordem político-administrativa adotada para a região. Além de expressarem posições coletivas, como foram as cartas elaboradas pelos cabildantes, também correspondiam a manifestações individuais. Mesmo após a expulsão dos jesuítas, os indígenas que integravam a elite missioneira seguiram ocupando cargos nos cabildos missioneiros que, apesar das mudanças em curso, seguiram operantes. Nesse contexto os *mayordomos* atuaram como lideranças cujo papel no gerenciamento das reduções é destacando, tanto pelo domínio que possuíam da escrita, como pela capacidade de organizar e repassar informações, habilidades importantes na administração missioneira.

Fuentes

41 Anexo número 1:

42 Tradução de uma carta localizada com Rafael Paracatu

43 Fonte: A.G.S.: Secretaria de Estado. Legajo 7425, Doc 146, Papel 8

44 Mi hermano menor don Raphael Paracatu. Solo por decirte que Díos

45 te guarde, te escriuo en nombre de Díos yo tu hermano mayor don

46 Nicolas Anduruye. Solo Díos es el[?] que ha e todas las cosas

47 segun su Voluntad, para él no ay cosa dificultosa, por eso yo como

48 que he de morir[?], quisiera[?] que en todas nuestras cosas para hacerlas

49 bien, tubiesemos por obgeto lo bueno, mirando lo bien antes y

50 por eso has de andar siempre en el amor Santo de Díos. Jesu Christo[?]

51 con mucha humildad, y fortaleza obedeció a su Padre, y aun viendose

52 vilipendiado siempre amó a sus enemígos y por eso amaras

53 a Díos, y a tus proximos, y con eso serás digno de ser amado hacien-

54 do hermano mio la imitación de Díos: Todas las cosas de este

55 mundo se han de acabar, pero las de outra vida han de ser Eter-

56 nas, platicales[?] bien a vuestros hijos por amor de Díos, y por nuestro

57 amor, que de su suerte tendrá Díos a bien tus cosas y aqui en la

58 tierra te dará felicidad, y mucho mas despues que salgas de esa vida,

59 que tus hijos cumplan la Voluntad de Díos: de eso mismo modo

60 los que estamos en el Pueblo cuidamos de que se cumpla la Volun-

61 tad de Díos. Quiera su Divina Majestad y Nros.[?] Santos Reyes

62 que en toda nuestra vida andemos segun las palabras de Díos S. [?]

63 yo te agradezco de que ayas hecho confianza de nro. [?] Mayordomo,

64 por que veo que en todo te obedece, assi lo devemos hacer, y assi lo

65 quiere Díos. De tierra fuimos[?] y tierra volveremos ha[?] ser[?]

- 66 acauados los dias de la vida, por eso si algo ay de nuebo, consultalo
 67 tambien con el Mayordomo, por que el que cuida de nuestra hacienda
 68 necesita sauer de todo: nosotros tambien assi lo hacemos, y por eso el
 69 cuidado de todos nosotros es de distribuir la hacienda, entre nros. [?]
 70 hijos que están necesitados. Nuestra hacienda, y los que la tienen
 71 está a la disposicion de el Cauildo, y de los Caciques por que el[?] les[?] dá[?], y por eso
 72 deuemos cumplir la Voluntad de Díos, y de el Padre Cura: nosotros y nuestros
 73 hijos: Díos nos ha de mirar, y ayudar de esa suerte. Si hubiese al-
 74 guna novedad cierta, nos la participaras sín dilacion, que assi
 75 es menester: Esto solo te digo y pongo a tus oídos, en nombre de
 76 Díos. Tu hermano mayor don Nicolas Anduruye, que te ama, te escriue.
 77 Anexo número 2:
 78 Transcrição e Tradução da primeira carta de Ybariguá de 12 de Agosto de 1768.
 79 (A.G.N./BA: Sala IX, Legajo 6/10/7). Ver a Transcrição paleográfica em [http://](http://www.langas.cnrs.fr/temp/index.htm)
 80 www.langas.cnrs.fr/temp/index.htm
 81 Transcrição por Capucine Boidin
 82 1768
 83 Al Sr. Don Francisco Bruno Zavala
 84 Alabado
 85 Aguyjevete oro'e anga rako tupã upe ha'e Rey marangatu upe, ko va'e ore pa'i orohecha
 86 hembiapo marangatu ha'e heko marangatu tetirõ ave, Ore rory, ha'e ore angapyhy guasu Tupã
 87 tekatuai ogueru anga ñandéve oro'e, ore meme ngatu San Miguel yguara opakatu, ko va'e
 88 ñote ore py'a jekuaapa vamo aikuatia mirĩ anga ndéve Señor Comandante Tupã Ñandejára
 89 tanderá'arõ ngatu anga jepi guarãma.
 90 San Miguel a 12 de agosto de 1768
 91 Teniente Valentín Yvarigua
 92 Tradução por Delicia Villagra:
 93 Al Señor Don.....Bruno Zavala
 94 Alabado Sea
 95 Gracias decimos a Dios (Tupã) y al Santo Rey que nosotros los Pay (Pa'i)
 96 vemos en sus buenas obras así como en su santidad, en todo.
 97 Celebramos y nos congratulamos, Dios (Tupã) ciertamente los trajo a
 98 nosotros, decimos nosotros todos los de San Miguel.
 99 Esto que se descubre es lo que te escribimos brevemente de corazón. Que Dios
 100 (Tupã), nuestro dueño, os guarde ahora y por siempre.
 101 San Miguel, a 12 de Agosto 1768
 102 Teniente Don Valentín Ybariguá.
 103 Anexo número 3:
 104 Transcrição e tradução da segunda carta de Ybariguá, de 13 de agosto de 1768, por Angélica
 105 Otazú. (A.G.N./BA: Sala IX, Legajo 6/10/7)
 106 Señor Gobernador Don Francisco Bucareli
 107 Alabado
 108 Kova'e kavaju 338 va'e ore rembiareko, tereme'ẽ anga oréve, ore nia kavaju oroiporu katuete
 109 Rey voja reta mongaruha ramo oroiko vaka simarron oroipysy haguã, ha'e ramo kavaju
 110 ambuae rehe jepe oroikotevẽ joapy anga ore poriahuvareko haguã rehe, Señor Gobernador
 111 Rey marangatu réra pýpe tereme'ẽ anga oréve, kova'e ñote oroikuatia anga ndéve ore S[an]
 112 Mig[uel] ygua Cabildos, ha'e Caciques, neĩ Tupã ta nde ra'ãrõ anga, S. Mig[uel] a 13 agosto
 113 de 1768.
 114 Tte. Don Valentín Ybariguá
 115 Señor Gobernador Don Francisco Bucareli
 116 Alabado
 117 Estos 338 caballos, que son nuestros, por favor nos lo dé; estos caballos usamos para agarrar la
 118 vaca simarron, para alimento de los subditos del Rey, e incluso necesitamos los otros caballos;
 119 que tenga piedad de nosotros una vez más y por favor entréguenos Señor Gobernador en
 120 nombre del santo Rey, solamente por esto te escribimos, nosotros los [del] Cabildo de San
 121 Miguel y los Caciques. En hora buena, Dios te guarde. S. Mig[uel] a 13 agosto de 1768.

Bibliografía

- Barcelos, A. H. F. (2000). *Espaço e arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Becker, F. (1983). La guerra guaranítica desde una nueva perspectiva: historia, ficción y historiografía, *Boletín Americanista*, Barcelona, 32, 7-37.
- Blumers, T. (1992). *La contabilidad en las reducciones guaraníes*. Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología, 15. Centro de Estudios Antropológicos. Universidad Católica.
- Brabo, F. X. (1872). *Colección de documentos relativos a la expulsión de los jesuitas de la República Argentina y del Paraguay en el reinado de Carlos III*. Madrid: Estudio Tipográfico José María Pérez.
- Carbonell de Masy, R. (1992). *Estrategias de desarrollo rural en los pueblos Guaranies (1609-1767)*. Con las colaboraciones indicadas de los Dres. Teresa Blumers y Ernesto J. A. Maeder. Barcelona: Instituto de estudios Fiscales/Bosch.
- Furlong, G. (1962). *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires: Ediciones Theoría.
- Maeder, E. (1987). El modelo portugués y las instrucciones de Bucareli para las misiones de Guaraníes, *Revista de Estudios Ibero-Americanos* 13 (2), 135-150.
- Melià, B. (1999). La reducción según los Guaraníes: dichos y escritos, en Gadelha, R. A. F. *Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea*, (pp. 55-64). São Paulo: EDUC.
- Neumann, E. S. (2005). *Práticas letradas guaranis: produção e usos da escrita indígena - Séculos XVII e XVIII*. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia y Ciencias Sociales, Universidad Federal de Rio de Janeiro.
- Neumann, E. S. (2007). A escrita dos guaranis nas reduções: usos e funções das formas textuais indígenas- século XVIII, *Topoi*, 8, 48-79.
- Neumann, E. S. (2009). De letra de índios: cultura escrita e memória indígena nas reduções guaranis do Paraguai, *Varia História*, 41,177-196.
- Petrucchi, A. (2002). *La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2002.
- Quarleri, Lía. (2009). *Rebelión y guerra en las fronteras del Plata. Guaraníes, jesuitas e imperios coloniales*. Buenos Aires: FCE.
- Takeda, K. (2012). Cambio y continuidad del liderazgo indígena en el cacicazgo y en la milicia de las misiones jesuíticas: análisis cualitativos de las listas de indios guaraníes, *Tellus*, n.12 (23), 59-79.
- Wilde, G. (2006). Prestigio indígena y nobleza peninsular: la invención de linajes guaraníes en las misiones del Paraguay, *Jahrbuch Fur Geschichte Lateinamerikas* 43,119-145.
- Wilde, G. (2009). *Religión y Poder en las Misiones Guaraníes*. Buenos Aires: Editorial SB.

Notas

1 Mesmo diante da existência de documentos escritos pelos guaranis, durante muito tempo, as pesquisas sobre as reduções administradas pelos jesuítas no Paraguai estiveram condicionadas por interpretações que desconsideravam o fato de que eles sabiam escrever. No final do século XX, Felix Becker ainda considerava que os guaranis foram meras marionetes a serviço dos missionários, colocando sob suspeita a capacidade alfabética dos indígenas, ao manifestarem por escrito sua oposição aos trabalhos de demarcação de limites (Becker, 1983).

2 Para uma aproximação as modalidades textuais, ver Neumann, 2007.

3 Uma primeira sistematização desses dados foi apresentada nas “Journé d’étude: Les Langues générales de l’Amérique du sud (XVI- XIX siècle)”, realizado no Institut des Hautes Études de l’Amérique Latine, em Paris, entre os dias 22 e 23 de outubro de 2012. A comunicação intitulava-se “Una burocracia bilingue: apropiaciones indígenas de la escritura en las reducciones del Paraguay (Siglos XVII-XVIII)”.

4 Sobre este tema, Furlong registrou “(...) que por los graves inconvenientes que se habían experimentado, no se perpetuasen unos mismos Indios en los Cabildos, y oficios de Mayordomos, y que, para este año próximo venidero, se mudasen todos los dichos oficios (...)” (Furlong 1962, p. 371).

5 Para um estudo das operações contábeis e do funcionamento dos armazéns das reduções nas cidades de Buenos Aires e Santa Fé, ver Carbonell de Masy (1992, p. 233- 266).

6 Sobre as *vaquerias* e as *estâncias* nas reduções, ver Barcelos 2000, pp. 331-346.

7 Archivo General de Simancas (A.G.S). Valladolid. Secretaria de Estado. Legajo 7425. Folios 145 y 146. Refiro-me às cartas apreendidas com o cacique da redução de Yapeyu, Rafael Paracatu, logo após os incidentes no arroio do Daymal em 8 de outubro de 1754; Archivo Histórico Nacional (A.H.N). Madrid. Sección Clero-Jesuítas, Legajo 120, documento 54 (Relato de Escandón) 8-XI-1755. “Cogieronse le al Cacique Paracatu varios papeles y cartas escrita en su propia lengua. Y ante todas cosas mucha prudencia rubrico de propia mano el gobernador y luego las mandó traducir para saber lo que contenia”. p.114.

8 A.G.S.: Secretaria de Estado. Legajo 7425, Doc 146, Papel 8, (ver anexo n. 1).

9 O conjunto de medidas, conhecido como *Instrucciones*, estava orientado a favorecer e “introducir en estos pueblos el uso de nuestro propio idioma. Este es uno de los medios mas eficaces para desterrar la rusticidad” e, como Maeder demonstrou em estudo comparativo, foram uma tradução do modelo adotado na América portuguesa: “Bucareli, acuciado por la prisa en ordenar las Misiones (...) no parece haber tenido tiempo de elaborar normas originales, sinó que al disponer del Diretório de Mendonça Furtado, se limitó a traducirlo y adaptarlo a las necesidades de su gobierno” (Maeder 1987, p. 144).

10 A respeito dos documentos escritos pelos guaranis nesse período, Melià emitiu a seguinte apreciação: “[...] tal vez el grupo de escritos más curioso y revelador es el que se produjo con motivo del extrañamiento de los jesuítas, en los que los mismos Guaranés opinan y enjuician de modo directo o indirecto aquel tiempo histórico” (Melià 1999, p. 56).

11 Archivo Nacional de Chile (A.N.C). Fj, volume 143. Compulsa de los Autos originales de el Pueblo de San Miguel. “En el día treinta de Julio de Mil setecientos y sesenta y ocho años En el Pueblo de san Miguel el capitan de Dragones de Buenos Aires Don Francisco Bruno de Zabala comisionado por el Excelentissimo Señor Gobernador y Capitan General de estas Provincias del Rio de la Plata el Excelentissimo Señor Don Francisco Bucareli y Ursua para la execucion de la resolución de Su Magestad [...] lo firmaron dichos señores, y algunos individuos del Cavildo de este Pueblo dia, mês y ano = Dn Valinti Ybarigua Theniente de San Miguel = Secretario de cavildo Primo Ybarenda.” (Agradeço ao Dr. Guillermo Wilde, pesquisador do CONICET e professor na UNSAM, a cópia desse documento).

12 A.H.N: Sección Clero-Jesuitas. Legajo 120, Caja 2, Doc. 75. Valentin Barigua: “Entre los indios si que ay tal nombre, y apellido; que lo es de una de las principales familias del Pueblo de S. Miguel [...] Este indio pues, que entonces era Mayordomo del dicho Pueblo, es de quien estaba escrita, y firmada la carta [...]” p. 25.

13 Agradeço a Capucine Boidin a informação a respeito desse documento, bem como ter facilitado uma cópia e a tradução ao espanhol do referido texto. Tanto a tradução como a versão paleografia se encontram na base Langas. Ver: <http://josephine.inalco.perso.sfr.fr/corpus.php>

14 A.G.N./BA: Sala IX, Legajo 6/10/7. Carta del Teniente. Don Valentín Ybariguá al gobernador Zavala. San Miguel 12 de agosto de 1768. (Tradução de Delicia Villagra-Batoux).

15 A.G.N./BA: Sala IX, Legajo 6/10/7. Carta del teniente Don Valentín Ybariguá al Sr Gobernador Francisco Bucareli. San Miguel 13 de agosto de 1768. (Tradução de Angelica Otazú).

16 Archivo General de Indias, Sevilla (doravante A.G.I.): Audiencia de Buenos Aires, Legajo 42 [anexos das correspondências enviadas a Espanha]. Cópia 2: Traducción de la carta escrita a Joseph Tiarayu Corregidor de San Xavier Pueblesito pequeño en cinco de febrero de 1756.

17 A pesquisa desenvolvida por Kazuhiza Takeda demonstra que na primeira metade do século XVII os cargos militares em sua maioria eram ocupados por guaranis que tinham título de Don, enquanto que no século XVIII em torno de 80% dos que ocupavam esses cargos não possuía esse título (Takeda, 2012).

18 A.G.N. IX. 18.5.1

Para citar este artículo

Referencia electrónica

Eduardo S. Neumann, « A escrita em guarani dos *mayordomos* e o exemplo de Valentín Ybariguá (Paraguai, XVIII) », *Corpus* [En línea], Vol 4, No 2 | 2014, Publicado el 19 diciembre 2014, consultado el 29 enero 2015. URL : <http://corpusarchivos.revues.org/1258>

Autor

Eduardo S. Neumann

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Correo electrónico: eduardosneumann@gmail.com

Derechos de autor

Licencia Creative Commons: Atribución-NoComercial 2.5 Argentina (CC BY-NC 2.5 AR)

Resúmenes

En las reducciones del Paraguay, la enseñanza de las “artes y oficios” alcanzó un nivel sorprendente. La conquista del alfabeto por los guaraníes fue un aspecto de ese desarrollo, que amplió las posibilidades de comunicación de los indígenas con los poderes coloniales. A lo largo de la segunda mitad del siglo XVIII fue frecuente la práctica de la escritura entre los indígenas de las misiones. El conocimiento de los protocolos letrados permitió a la élite indígena una vía de comunicación directa con las autoridades coloniales. Saber leer y escribir abrió las puertas a algunos indígenas a cargos en los cabildos. Particularmente los mayordomos - a quienes correspondía el control de los bienes comunitarios-, manejaron con suma facilidad la escritura. Una muestra son las cartas escritas por Valentín Ybariguá en el momento de los cambios en la administración de las reducciones,- posteriores a la expulsión de los jesuitas. Por medio de las cartas Valentín intentó actuar en conformidad con las prácticas letradas vigentes en el marco de la Monarquía Hispánica.

Writing in Guarani by *mayordomos* and the example of Valentín Ybariguá (Paraguay, eighteenth century)

In the Reductions of Paraguay, the teaching of “arts and crafts” reached a surprisingly high level. The conquest of the alphabet by the Guarani was an aspect of that development, which augmented the possibilities of communication between the Indians with the colonial powers. Over the second half of 19th century it was frequent the practice of writing among the Indians of the missions. The knowledge of lettered protocols allowed the indigenous elite a way of direct communication with the colonial authorities. Knowing to read and write opened the doors to some Indians to cabildo posts. Particularly the *mayordomos* – to whom corresponded the control of the communal goods-, had the capacity of easily writing. A proof of that are the letters written by Valentín Ybariguá in the period of changes in the *reducciones* administration, after the Jesuit’s expulsion. Through the letters, Valentin attempted to act in conformity with the literate practices current under the framework of Hispanic Monarchy.

Entradas del índice

Palabras claves : Guaraníes, misiones jesuíticas, escritura indígena, cultura escrita, mayordomos

Keywords : Guaraní, Jesuit Missions, Indigenous writing, Written Culture, Mayordomos.

Notas de la redacción

Fecha de recepción del original: 05/09/2014

Fecha de aceptación para publicación: 12/11/2014